

“OS UTENTES NÃO TÊM SEQUER NOÇÃO DA NECESSIDADE DO RASTREIO... ANTES DE CONVERSARMOS...”

Enquanto profissionais do terreno, em que medida encaram este Prémio Nobel como um incentivo e motivação à vossa intervenção quotidiana?

Marília Costa e Joana Coelho – Da minha parte, perspetivo este Prémio Nobel como um reconhecimento de uma doença que merece outro olhar da parte dos profissionais de saúde e do SNS. Quanto às expectativas, a título pessoal espero que traduza um incentivo para se criarem medidas de proximidade que permitam agilizar e acelerar o rastreio, o diagnóstico e o tratamento. Neste momento, temos tudo ao dispor, está mais do que provado e evidenciado que os medicamentos que temos funcionam, que estamos perante uma doença que é possível curar e que o tratamento é fácil e pode estar à disposição de qualquer pessoa, incluindo as mais vulneráveis, que acompanhamos. Já tivemos essa experiência, conseguimos que várias pessoas cumprissem o tratamento do início ao fim e que curaram. É possível, já aconteceu, é um facto e o que espero é que o sistema formal de saúde se mobilize nesse sentido. Da minha parte, enquanto profissional, estou mais do que motivada.

Para além dos rastreios, o que poderão oferecer a esta população que tão próxima está das vossas respostas?

Marília Costa e Joana Coelho – Antes de falarmos nos rastreios, convém salientar que começamos numa fase anterior, que é a prevenção... fazemos educação para a saúde e falamos muito sobre esta doença com os nossos utentes. Depois, temos a ótica de proximidade, que nos permite criar uma relação com essa pessoa, que nos permite que a mesma ceda a fazer o rastreio e até integrá-la num tratamento. O programa troca de seringas é outra ferramenta que nos ajuda a prevenir e a eliminar comportamentos de risco entre a nossa população. Este é o nosso dia-a-dia... educar para a saúde, ajudar as pessoas a fazerem melhores escolhas e ajudá-las em tudo aquilo que podemos.

Marília Costa e Joana Coelho – Uma das práticas do Centro Social de Paramos, que se estende ao trabalho que desenvolvemos enquanto

equipa de rua, reside na celebração de parcerias. Reduzir distâncias entre parceiros, sempre! No SMACTE tornámo-nos experts na procura de interlocutores em todos os parceiros, reduzindo as distâncias e indo além da mera assinatura de protocolos e assim reduzindo igualmente a distância entre os utentes e as estruturas formais. No caso das infecciosas, ainda antes de existir terapêutica que promova a cura da Hepatite C, até pela questão do VIH, criámos pontos focais no seio do Serviço de Infecciosas do Hospital de Gaia, o que facilita imenso em termos logísticos e de pragmatismo, desde a possibilidade de termos consultas em dias certos, para vários utentes. Uma das coisas que fazemos e que promovem a adesão dos utentes é acompanhá-los em todos os processos, desde o os exames, passando pelas idas à consulta até à mediação com o médico... Muitas vezes, os próprios médicos já falam para o técnico da equipa de rua e pedem-lhe “para traduzir” o discurso ao utente... No ano passado, realizámos uma avaliação de impacto ao nosso projeto e a médica Margarida Mota, que faz a articulação connosco, dizia-nos que ainda precisava muito de nós para irmos explicando diariamente aos utentes aquilo que deviam fazer. E para darmos o retorno sobre a toma da medicação...

Terão estes utentes a noção da gravidade da doença que têm?

Marília Costa e Joana Coelho – Creio que só têm essa noção quando lhes explicamos, no âmbito do tal trabalho de educação para a saúde, quais são as consequências esperadas da doença. Como é uma doença indolor e que não apresenta grandes sintomas, creio que não têm sequer noção da importância do rastreio antes de falarmos sobre o tema. Diria mais: na maior parte das vezes, quando um utente chega a nós, não tem sequer noção do impacto dos seus comportamentos de risco em geral... compete-nos realizar esse trabalho de enriquecimento pessoal de cada um, de acordo com o que percebemos ser legítimo a partir da relação que estabelecemos com os nossos utentes.



Considera pertinente a descentralização dos serviços de saúde e a adoção de uma postura mais próxima aos contextos onde estão os utentes mais vulneráveis?

Marília Costa e Joana Coelho – Era a cereja no topo do bolo... Depois de tudo o que as equipas já fazem, depois de todo o caminho percorrido por estes investigadores e que resultou, e bem, no Prémio Nobel, depois de formos isto na rua, de o Estado aderir e adquirir medicamentos... falta criarmos protocolos que permitam que os serviços de infecciosas – e reconhecemos os constrangimentos que têm, que são pessoas que fazem o que podem e com quem lidamos com alguma facilidade e proximidade – se desloquem às equipas de redução de riscos e à sociedade civil e estivessem com as pessoas, por um bem comum. Até para reduzir a necessidade de as mesmas se deslocarem aos hospitais que, no caso dos utentes que acompanhamos, é um obstáculo enorme.

Há 34 anos, a prevalência da infeção VHC entre os UD's em Portugal era assustadora... O trabalho da redução de riscos resultou, ao longo das últimas décadas, em alterações comportamentais dos utentes que tiveram reflexos significativos ao nível das transmissões de doenças infecciosas... E temos o exemplo citado do programa troca de seringas...

Marília Costa e Joana Coelho – Trabalho há 16 anos na redução de riscos e, atualmente, não descurando essa questão da partilha de materiais de consumo, um trabalho notável que permitiu desenvolvimentos assinaláveis, a sensação que tenho é que temos muito menos utentes a injetar... Mas também convém salientar que, desde que introduzimos o programa de substituição opiácea de baixo limiar de exigência, verificámos uma estabilização dos utentes a vários níveis, que não só a forma como consomem... Uma vez mais, fruto do trabalho integrado que fazemos.

Para além do muito que foi feito, o que faltará fazer nesta área?

Marília Costa e Joana Coelho - Falta, como afirmámos, que as equipas de infecciosas venham para o terreno... Trabalharemos connosco num clima de proximidade e de estabelecimento de relação com os utentes e promover

uma verdadeira desburocratização dos serviços... Estamos a falar de utentes que são consumidores de drogas e que têm prioridades diferentes das de uma pessoa que não consome e que, além disso, mudam a cada momento. Urge agilizar este processo e também possibilitar que a rede de rastreio esteja acessível no SNS, deixando de ser apenas uma iniciativa, ainda que muito importante, da sociedade civil, mas que passe a ser disponibilizada universalmente como qualquer outro cuidado de saúde primário. Se formos atualmente a um médico de família, não nos é disponibilizado um rastreio rápido para qualquer doença infecciosa...

Enquanto profissionais de equipas de rua, são profissionais que veem o vosso trabalho escrutinado por inúmeros relatórios e delegado através de um financiamento por muitos reconhecido como muito escasso... E vocês próprios, fazem a autoavaliação do vosso trabalho?

Marília Costa e Joana Coelho – Desde logo, somos obrigados a fazê-lo porque somos cofinanciados por uma entidade que assim nos exige, o Sicad. Mensalmente, somos obrigados a enviar relatórios de indicadores com análise quantitativa e, anualmente, com análise qualitativa e quantitativa. Paralelamente, porque sentimos, enquanto equipa de redução de riscos, esta necessidade de nos defendermos, e porque continuamos a funcionar num modelo de financiamentos e concursos públicos limitados a uma duração de dois anos, temos ainda uma grande necessidade de justificarmos a nossa existência. Mesmo em equipas como a nossa, que já existem desde 2001, promovidas pela mesma entidade... Também por isso, fizemos um estudo de impacto social sobre o trabalho que estávamos a realizar, para podermos acertar procedimentos e ouvir todos os stakeholders. Em suma, responderia sim, dentro do que é possível e há que não esquecer que a maior parte das equipas de rua trabalham de forma estrangulada, com recursos humanos e orçamentos muito reduzidos face ao que têm que garantir. No nosso caso, temos que garantir uma equipa em funcionamento todos os dias do ano...

